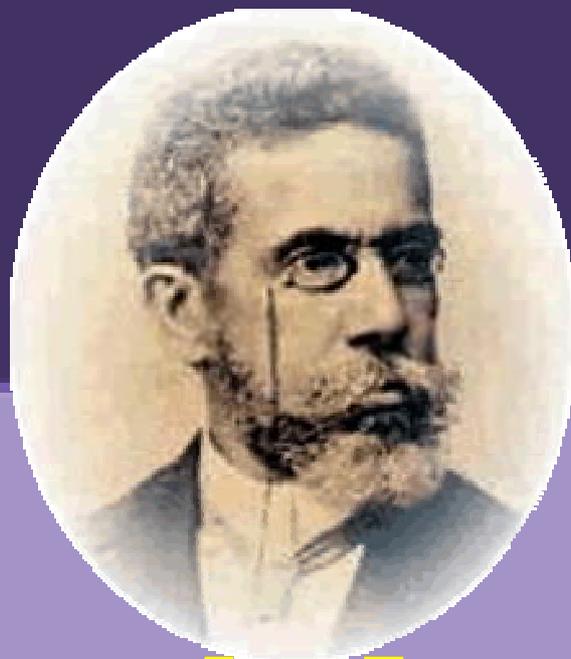
Biblioteca Virtualbooks

História de uma Fita Azul

Machado de Assis

História de uma Fita Azul

CAPÍTULO PRIMEIRO

Marianinha achou um dia na cesta de costura um pedaço de fita azul. Era naturalmente resto de algum cinto ou cousa que o valha. Lembrou-se de bordar na fita dois nomes: *Marianinha e Gustavo*.

Gustavo! (interrompe neste ponto o leitor) mas por que Gustavo e não Alfredo, Benedito ou simplesmente Damião?

Por uma razão muito clara e singela, leitor ignaro; porque o namorado de Marianinha não se chamava Alfredo, nem Benedito, nem Damião, mas Gustavo; não Gustavo somente, mas Gustavo da Silveira, rapaz de vinte e sete anos, moreno, cabelo preto, olhos idem, bacharel, aspirante a juiz municipal, tendo sobre todas estas qualidades a de possuir umas oitenta apólices da dívida pública.

Amavam-se estas duas criaturas, se assim se pode dizer de um capricho começado num baile e não sei se destinado a morrer numa corrida. A verdade é que no curto espaço de três meses haviam já trocado cinqüenta cartas, algumas compridas, todas cheias de protestos de amor até à morte. Gustavo dizia-lhe mais de uma vez que ela era o anjo com que ele sonhara durante toda a vida, e ela retribuía-lhe esta fineza dizendo a mesma cousa, mas com estilo diferente, sendo o mais espantoso deste caso que nem ele nem ela haviam sonhado com nenhum anjo. Acrescentarei até que o jovem Gustavo havia já feito a mesma revelação a quatro namoradas, o que diminui a sinceridade da que fazia agora à quinta. Excluídas porém estas e

outras flores de retórica, a verdade é que eles pareciam gostar um do outro, e se quiserem saber mais alguma cousa leiam a novela para diante.

Lembrou-se a Marianinha de bordar o nome do namorado e o seu no pedaço de fita azul; bordou-os com linha de seda branca, e com tanta perfeição o fez, que teve vontade de ir mostrar o trabalho à avó. A idéia porém de que a Sr.ª D. Leonarda lhe passaria uma áspera repreensão a demoveu do intento e a obra ficou inédita até passar às mãos do jovem Gustavo.

Não pense a leitora que a Sr.ª D. Leonarda ignorasse absolutamente o namoro da neta. Oh! não! A Sr.ª Leonarda, além de ser excelente doceira, tinha o olho mais perspicaz deste mundo. Percebeu o namoro e calou-se a ver (dizia ela) em que paravam as modas. Já estava de longa data acostumada a estes romances da neta, e só lastimava não ver o capítulo do fim.

"A culpa é dela, pensava a Sr.ª D. Leonarda. Quem há de querer casar com uma estouvada daquele gênero, que ainda bem não acabou um namoro, já começa outro?"

Indiretamente fazia-lhe sentir esta censura toda íntima, dizendo-lhe às vezes:

— O Major Alvarenga (era o defunto esposo da Sr.ª D. Leonarda) foi o primeiro e último namoro. Vi-o num dia de entrudo; casamo-nos logo depois da Páscoa. Hoje, as moças gostam de andar de namoro em namoro, sem acabar de escolher um. Por isso muitas ficam para tias.

Ora, é de notar que o bacharel Gustavo caíra-lhe em graça, e que de todos os namorados de Marianinha era este o que mais adequado lhe parecia. Não aprovaria certamente a idéia da fita bordada com os dois nomes, porque a Sr.ª D. Leonarda tinha como teoria que uma moça apenas deve olhar para o namorado; escrever-lhe era já atrevimento, e (usemos os seus proprios termos) e profunda imoralidade. Mas desejava e muito que aquele casamento se fizesse, porque, mais que nenhum outro, o genro lhe parecia de feição. Com um pouco mais de ardor da parte dos dois namorados, estou certo de que nem escreveria estas páginas; tinham casado, estavam com filhos, vivendo em paz. Não precipitemos entretanto os acontecimentos, esperemos ao segundo capítulo.

CAPÍTULO II

Gustavo foi à casa de D. Leonarda na quinta-feira seguinte, isto é, dois dias depois do dia em que Marianinha acabava de bordar os dois nomes na fita azul.

— Tenho uma cousa para lhe dar, disse a moça.

— Ah! O que é?

— Adivinhe.

— Não posso adivinhar.

— Adivinhe.

— Um par de botões?

— Não.

— Uma flor?

— Não.

— Uma charuteira?

— Não.

— Não posso... Ora, espere... Será?... não... não é.

— Não é o quê?

— Um lenço de assoar.

— Ora! respondeu Marianinha encolhendo os ombros.

E tirou do bolso a fita azul com os dois nomes bordados.

— Bonito! exclamou Gustavo.

— É uma lembrança para se não esquecer de mim.

— Oh! querida! pois eu hei de nunca esquecer-me de você. Não é você o anjo...

Aqui entrava a qüinquagésima edição do sonho que ele não tivera nunca.

Gustavo disfarçadamente beijou a fita azul e guardou-a no bolso, de maneira que o nao visse a Sr.ª D. Leonarda.

Marianinha ficou muito contente com o bom agasalho que tivera a sua lembrança não menos que com o elogio da obra, tão certo é que o amor não dispensa a vaidade, antes esta é muita vez complemento daquele.

— Que lhe darei eu para que se não esqueça de mim? disse Gustavo daí a pouco, em ocasião em que pôde murmurar-lhe estas palavras.

— Nada, disse a moça sorrindo.

— Ama-me então como sempre? perguntou ele.

— Como sempre!

Todo o resto do diálogo foi assim por este gosto, como naturalmente o leitor e a leitora compreendem, se é que já não passaram pelo mesmo como eu sou capaz de jurar.

Marianinha era muito graciosa, além de bonita. Os olhos eram pequenos e vivos; ela sabia-os mover com muita gentileza. Não era mulher que do primeiro lance fizesse apaixonar um homem; mas com o tempo tinha o condão de insinuar-se-lhe no coração.

Foi isto justamente o que aconteceu com o nosso jovem Gustavo, cujo namoro durava já mais tempo que os outros. Começara por brinquedo, e acabara sério. Gustavo foi-se a pouco e pouco sentindo preso nas mãos da moça, de maneira que o casamento, cousa em que não pensara nunca, entrou a surgir-lhe no espírito como uma cousa muito desejável e indispensável.

— Afinal, pensava ele, devo acabar casado, e mais vale que seja com uma boa menina como aquela é, alegre, afetuosa, educada... A educação acabá-la-ei eu, e o terreno é próprio para isso; farei dela uma verdadeira esposa.

Com estas disposições, deixou Gustavo as suas habituais distrações, teatros, passeios, ceatas e todo se entregou ao cultivo do amor. D. Leonarda viu que a assiduidade era maior e concluiu razoavelmente que

desta vez iria o barco ao mar. Para animar a pequena falou-lhe na conveniência de casar com pessoa que estimasse, e não deixasse de dar duas ou três esperanças ao pretendente.

As cousas foram assim andando de modo que o bacharel assentou de ir pedir a moça à avó por ocasião dos anos dela (a avó), que era a vinte e sete de outubro. Estavam então no dia dez do referido mês. Em novembro podiam estar unidos e felizes.

Gustavo conversou com alguns amigos, e todos lhe aprovaram a resolução, mormente os que freqüentavam a casa de D. Leonarda e não queriam ficar brigados com o futuro neto da viúva do major.

Um desses freqüentadores, comensal antigo, de passagem lhe observou que a moça era um tanto caprichosa; mas não o fez com a idéia de o afastar da pretensão, o que era difícil naquele caso, mas antes por lhe aplanar a dificuldade mostrando-lhe o caminho que devia seguir.

— O coração é excelente, acrescentou este informante; nisto sai à avó e à mãe, que Deus tem.

— Isto é o essencial, disse Gustavo; caprichos são flores próprias da idade; o tempo as secará de todo. Gosto muito dela, e quaisquer que fossem os seus defeitos, casaria com ela.

— Oh! sem dúvida! Pela minha parte desde já lhe afianço que hão de ser felizes.

Tudo corria portanto *comme sur des roulettes. O* pedido estava prestes; prestes o casamento. Gustavo imaginou logo um plano de vida, mediante o qual ele seria no ano seguinte deputado, logo depois presidente de província, e um dia alguma cousa mais. A imaginação pintava-lhe a glória e o prazer que daria a sua mulher; imaginava um filhinho, uma casa cercada de laranjeiras, um paraíso...

CAPÍTULO III

Ora, logo na noite do dia 10, estando a conversar com a namorada, esta lhe perguntou pela fita azul. Eram passados seis meses desde a noite em que ela lha dera. Gustavo empalideceu; e a razão era que**,** não estando naquele tempo apaixonado como agora, nunca mais pusera olhos em cima da fita.

Murmurou como pôde alguma cousa, que ela não ouviu, nem se lhe deu de ouvir, por haver logo percebido a sua perturbação.

— Naturalmente não sabe onde a pôs, disse ela com ar azedo.

— Ora!...

— Talvez a lançasse à rua...

— Que idéia!

— Estou a ler isso no seu rosto.

— Impossível! A fita está lá em casa...

— Pois bem, veja se a traz amanhã.

— Amanhã? balbuciou Gustavo.

— Perdeu-a, já sei.

— Oh! não; amanhã trago-lhe a fita.

— Jura?

— Que criancice! Juro.

O espírito de Gustavo achava-se nessa ocasião na situação de um homem que se deitasse numa cama de espinhos. Virava-se, revirava-se, espmhava-se, e daria cem ou duzentos mil-réis para poder ter a fita ali mesmo no bolso. Queria ao menos ter certeza de que a acharia em casa. Mas não tinha; e o rosto da moça como que lhe anunciava a tempestade de arrufos que o esperaria no dia seguinte se não levasse a fita.

Efetivamente Marianinha não se riu mais nessa noite. Gustavo saiu mais cedo que de costume e foi dali direito como uma flecha para casa.

Não tenho tintas na minha paleta para pintar a cena da investigação da fita, que durou cerca de duas horas e dava para dois capítulos ou três. Uma só gaveta não ficou em casa por examinar, uma só caixa de chapéu, um só escaninho de secretária. Veio tudo abaixo. A fita obstinava-se em não aparecer. Gustavo imaginou que ela esta ria na saladeira; a saladeira estava vazia, e era o pior que lhe podia acontecer, porque o furioso mancebo atirou-a contra um portal e reduziu-a a cacos.

Os dois criados andavam atônitos; não compreendiam aquilo; muito menos compreendiam o motivo por que o amo os descompunha, quando eles não tinham notícia nenhuma da fita azul.

Era já madrugada; a fita não dera sinal de si; toda a esperança se dissipara como fumo. Gustavo tomou a resolução de se deitar, que os seus criados acharam excelente, mas que para ele foi perfeita mente inútil. Gustavo não pregou olho; levantou-se às oito horas do dia 11 fatigado, aborrecido, receoso de um imenso desastre.

Durante o dia fez algumas investigações relativas à famosa fita; todas elas tiveram o resultado das da véspera.

Numa das ocasiões em que estava mais aflito, apareceu-lhe em casa um dos freqüentadores da casa de D. Leonarda, o mesmo com quem tivera o diálogo acima transcrito. Gustavo confiou-lhe tudo.

O Sr. Barbosa riu-se.

Barbosa era o nome do freqüentador da casa de D. Leonarda.

Riu-se e chamou-lhe criança; afirmou-ihe que Marianinha era caprichosa, mas que uma fita era uma cousa de pouco mais que nada.

— Que lhe pode resultar daqui? disse o Sr. Barbosa com um gesto grave. Zangar-se a moça durante algumas horas? Isso que vale se ela lhe há de dever a felicidade mais tarde? Meu amigo, eu não conheço a história de todos os casamentos que se têm feito debaixo do sol, mas creio poder afirmar que nenhuma noiva deixou de casar por causa de um pedaço de fita.

Gustavo ficou mais consolado com estas e outras expressões do Sr. Barbosa, que se despediu daí a pouco. O namorado, apenas chegou a noite vestiu-se com o maior apuro, perfumou-se, acendeu um charuto, procurou sair de casa com o pé direito, e enfiou para a casa da Sr.ª D. Leonarda.

O coração batia-lhe mais fortemente quando subiu a escada. Vieram abrir-lhe a cancela; Gustavo entrou e achou na sala a avó e a neta, a avó risonha, a neta séria e grave.

Ao contrário do que fazia em outras ocasiões, Gustavo não buscou desta vez achar-se a sós com a moça. Foi esta quem procurou essa ocasião, no que a avó a ajudou mui simplesmente, indo ao interior da casa saber a causa de um rumor de pratos que ouvira.

— A fita? disse ela.

— A fita...

— Perdeu-a?

— Não se pode dizer que esteja perdida, balbuciou Gustavo; não a pude achar por mais que a procurasse; e a razão...

— A razão?

— A razão é que eu... sim... naturalmente está muito guardada... mas creio que...

Marianinha levantou-se.

— Minha última palavra é esta... Quero a fita dentro de três dias; se não ma der, tudo está acabado; não serei sua!

Gustavo estremeceu.

— Marianinha!

A moça deu um passo para dentro.

— Marianinha! repetiu o pobre namorado.

— Nem mais uma palavra!

— Mas...

— A fita, dentro de três dias!

CAPÍTULO IV

Imagina-se, não se descreve a situação em que ficou a alma do pobre Gustavo, que deveras amava a moça e que por tão pequena cousa via perdido o seu futuro. Saiu dali (desculpem a expressão que não é muito nobre), saiu dali vendendo azeite às canadas.

— Leve o diabo o dia em que vi aquela mulher! exclamava ele caminhando para casa.

Mas logo:

— Não! ela não tem culpa: o culpado único sou eu! Quem me mandou ser tão pouco zeloso de um mimo dado de tão boa feição? Verdade seja que eu ainda nesse tempo não tinha no coração o que agora sinto...

Aqui parava o moço para examinar o estado do seu coração, que reconhecia ser gravíssimo, a ponto de lhe parecer que, se não casasse com ela, impreterivelmente iria ter à cova.

Há paixões assim, como devem saber o leitor e a leitora, e se a dele não fosse assim, é muito provável que eu não tivesse de contar esta mui verídica história.

Ao chegar à casa procedeu Gustavo a uma nova investigação, que deu o mesmo resultado negativo. Passou uma noite como se pode imaginar, e levantou-se de madrugada, aborrecido e furioso consigo mesmo.

As 8 horas levou-lhe o criado o café do costume, e na ocasião em que lhe acendia um fósforo para o amo acender charuto, aventurou esta conjetura:

— Meu amo chegaria a tirar a fita da algibeira do paletó?

— Naturalmente tirei a fita, respondeu com rispidez o moço; não me lembra se tirei, mas é provável que sim.

— É que...

— E quê?

— Meu amo deu-me há pouco tempo um paletó, e pode ser que ...

Isto foi um raio de esperança no ânimo do pobre namorado. Deu um pulo da cadeira em que se achava, quase entornou a xícara no chão, e sem mais preâmbulo perguntou ao criado:

— João! tu vieste salvar-me!

— Eu?

— Sim, tu. Onde está o paletó?

— O paletó?

— Sim, o paletó...

João cravou os olhos no chão e não respondeu.

— Dize! fala! exclamou Gustavo.

— Meu amo há de desculpar-me... Aqui há tempos uns amigos convidaram-me para uma ceia. Eu nunca ceio porque me faz mal; mas essa noite tive vontade de cear. Havia uma galinha...

Gustavo impaciente bateu com o pé no chão.

— Acaba! disse ele.

— Havia uma galinha, mas não havia vinho. Era preciso vinho. Além do vinho, houve quem lembrasse um paio, comida indigesta, como meu amo sabe...

— Mas o paletó?

— Lá vou. Faltava, portanto, algum dinheiro. Eu, esquecendo por um instante os benefícios que recebera de meu amo e sem reparar que uma lembrança daquelas guarda-se para sempre...

— Acaba, demônio!

— Vendi o paletó!

Gustavo deixou-se cair na cadeira.

— Valia a pena fazer-me perder tanto tempo, disse ele, para chegar a esta conclusão! Estou quase certo de que a fita estava no bolso desse paletó!...

— Mas, meu amo, aventurou João, não será a mesma cousa comprar outra fita?

— Vai-te para o diabo!

— Demais, nem tudo está perdido.

— Como assim?

— Talvez o homem ainda não vendesse o paletó.

— Que homem?

— O homem do *Pobre Jaques.*

— Sim?

— Pode ser.

Gustavo refletiu um instante.

— Vamos lá! disse ele.

Gustavo vestiu-se no curto prazo de 7 minutos; saiu acompanhado do criado e a trote largo caminharam para a Rua da Carioca.

Entraram na casa do *Pobre Jaques.*

Acharam um velho assentado numa cadeira examinando um par de calças que lhe levara o freguês talvez para almoçar nesse dia. O dono da casa oferecia-lhe pelo objeto cinco patacas; o dono do objeto instava por mil e oitocentos. Afinal cortaram a dúvida, diminuindo o freguês um tostão e subindo o dono da casa outro tostão.

Acabado o negócio, o velho atendeu aos dous visitantes, um dos quais, de impaciente andava de um lado para outro, a passear os olhos nas roupas com a esperança de encontrar o suspirado paletó.

João era conhecido do velho e tomou a palavra.

— Não se lembra de um paletó que eu lhe vendi há cousa de três semanas? disse ele.

— Três semanas!

— Sim, um paletó.

— Um paletó?

Gustavo fez um gesto de impaciência. O velho não reparou no gesto. Pôs-se a afagar o queixo com a mão esquerda e os olhos no chão a ver se lembrava do destino que tivera o paletó *introuvable.*

— Lembra-me de que lhe comprei um paletó, disse ele, e por sinal que tinha gola de veludo...

— Isso! exclamou Gustavo.

— Mas creio que o vendi, concluiu o velho.

— A quem? perguntou Gustavo desejoso e ansioso ao mesmo tempo de lhe ouvir a resposta.

Antes porém que a ouvisse, ocorreu-lhe que o velho podia desconfiar do interesse com que procurava saber de um paletó velho, e julgou necessário explicar que não se tratava de nenhuma carteira, mas de uma lembrança de namorada.

— Seja lá o que for, disse o velho sorrindo, eu nada tenho com isso... Agora me lembro a quem vendi o paletó.

— Ah!

— Foi ao João Gomes.

— Que João Gomes? perguntou o criado.

— O dono da casa de pasto que fica ali quase no fim da rua...

O criado estendeu a mão ao velho e murmurou algumas palavras de agradecimento; quando porém voltou os olhos, não viu o amo, que apressadamente se dirigia na direção indicada.

CAPÍTULO V

João Gomes animava os caixeiros e a casa regurgitava de gente que comia o seu modesto almoço. O criado do bacharel conhecia o dono da casa de pasto. Foi direito a ele.

— Sr. João Gomes...

— Olé! você por aqui!

— É verdade; venho tratar de um assunto importante.

— Importante?

—Muito importante.

— Fale, respondeu João Gomes entre receoso e curioso.

Ao mesmo tempo lançou um olhar desconfiado para Gustavo que se conservara de parte.

— Não comprou o senhor um paletó em casa do *Pobre Jaques?*

— Não, senhor, respondeu muito depressa o interpelado.

Era evidente que receava alguma complicação de polícia. Gustavo compreendeu a situação e interveio para sossegar o animo do homem.

— Não se trata de nada que seja grave para o senhor, nem para ninguém exceto para mim, disse Gustavo.

E contou o mais sumariamente que pôde o caso da fita, o que tranqüilizou efetivamente o espírito do comprador do paletó.

— Uma fita azul, diz V. Sr.ª? perguntou João Gomes.

— Sim, uma fita azul.

— Achei-a na algibeira do paletó e...

— Ah!

— Tinha dois nomes bordados, creio eu...

— Isso.

— Obra muito fina!

— Sim, senhor, e então?

— Então? Ora, espere... Eu tive esta fita alguns dias comigo... até que um dia... de manhã... não, não era de manhã, era de tarde... mostrei-a a um freguês...

Estacou o Sr. João Gomes.

— Que mais? perguntou o criado do bacharel.

— Creio que era o Alvarenga... Era, era o Alvarenga. Mostrei-lha, gostou muito... e pediu-ma.

— E o senhor?

— Eu não precisava daquilo e dei-lha.

Gustavo teve vontade de engolir o dono da casa de pasto. Como porém nada adiantasse com esse ato de selvageria preferiu fazer indagações relativas ao Alvarenga, e soube que morava na Rua do Sacramento.

— Ele guarda aquilo por curiosidade, observou João Gomes; se V. S.ª lhe contar o que há, estou certo de que lhe entrega a fita.

— Sim.

— Estou certo disso... Até se quiser eu mesmo lhe falo; ele há de cá vir almoçar e talvez a cousa se arranje hoje mesmo.

— Tanto melhor! exclamou Gustavo. Pois, meu amigo, veja se me consegue isso, e far-me-á um grande favor. O João aqui fica para me levar a resposta.

— Não tem dúvida.

Gustavo foi dali almoçar no Hotel dos Príncipes, onde João devia ir ter a dar-lhe conta do que houvesse. O criado demorou-se muito menos porem do que pareceu ao ansioso namorado. Já lhe parecia que ele não viria mais, quando a figura de João assomou à porta. Gustavo levantou-se à pressa e saiu

— Que há?

— O homem apareceu...

— E a fita?

— A fita estava com ele...

— Achou-se?

— Estava com ele, porque o João Gomes lha tinha dado, como meu amo sabe, mas parece que já não está.

— Inferno! exclamou Gustavo lembrando-se de um melodrama em que ouvira exclamação análoga.

— Já não está, continuou o criado como se estivesse saboreando estas ânsias do amo, já não está, mas podemos dar com ela.

— Como?

— O Alvarenga é procurador, deu a fita à filhinha do desembargador com quem trabalha. Ele mesmo incumbiu-se de arranjar tudo...

Gustavo perdera de todo as esperanças. A esquiva fita nunca mais lhe tornaria às mãos, pensava ele, e com esta idéia ficou acabrunhado.

João entretanto reanimou-se como pôde, afiançando-lhe que achava no Sr. Alvarenga muito boa vontade de o servir.

— Sabes o número da casa dele?

— Ele ficou de ir à casa de meu amo.

— Quando?

— Hoje.

— A que horas?

— Às ave-marias.

Era um suplício fazê-lo esperar tanto tempo, mas como não havia outro remédio, Gustavo curvou a cabeça e foi para casa, disposto a não sair sem saber o que era feito da encantada fita.

CAPÍTULO VI

Cruelíssimo foi aquele dia para o mísero namorado, que não podia ler, nem escrever, que só podia suspirar, ameaçar o céu e a terra e que mais de uma vez ofereceu ao destino as suas apólices por um pedaço de fita.

Dizer que jantou mal, é noticiar ao leitor uma cousa que ele naturalmente adivinhou. A tarde foi terrível de passar. A incerteza mlsturava-se à ânsia; Gustavo ardia por ver o procurador, mas receava que nada trouxesse, e que a noite desse dia fosse muito pior que a antecedente. Pior seria decerto, porque o plano de Gustavo estava feito: atirava-se do segundo andar à rua.

A tarde caiu de todo, e o procurador, fiel à sua palavra, bateu palmas na escada.

Gustavo estremeceu.

João foi abrir a porta:

— Ah! Entre. Sr. Alvarenga, disse ele, entre para a sala; meu amo está à sua espera.

Alvarenga entrou.

— Então que há? perguntou Gustavo depois de feitos os primeiros cumprimentos.

— Há alguma cousa, disse o procurador.

— Sim:

E logo:

— Há de admirar-se talvez da insistência com que procuro esta fita, mas...

— Mas é natural, acudiu o procurador abrindo a caixa de rapé e oferecendo uma pitada ao bacharel, que com um gesto recusou.

— Então parece-lhe que há alguma cousa? perguntou Gustavo.

— Sim, senhor, respondeu o procurador. Eu tinha dado aquela fita à filha do desembargador, menina de dez anos. Quer que lhe conte a maneira por que isso aconteceu?

— Não precisa.

— Sempre lhe direi que eu gosto muito dela, e ela de mim. Posso dizer que a vi nascer. A menina Cecília é um anjo. Imagine que tem os cabelos louros e está muito desenvolvida...

— Ah! fez Gustavo não sabendo o que havia de dizer.

— No dia em que o João Gomes me deu a fita dizendo-me: "Tome lá o senhor que tem em casa exposição!" Exposição chama o Joao Gomes a uma coleção de objetos e trabalhos preciosos que tenho e vou aumentando... Nesse dia, antes de ir para casa, fui à casa do desembargador...

Neste ponto entrou na sala o criado João, que, por uma idéia delicada, lembrou-se de trazer uma xícara de café ao Sr. Alvarenga.

— Café? disse este. Não recuso nunca. Está bom de açúcar... Oh! e que excelente café! V. S.ª não sabe como eu gosto de café; bebo às vezes seis, oito xícaras por dia. V. S.ª também gosta?

— Às vezes, respondeu Gustavo em voz alta.

E consigo mesmo:

"Vai-te com todos os diabos! Estás apostado para fazer-me morrer de aflição!"

O Sr. Alvarenga ia saboreando o café, como entendedor, e contando ao bacharel a maneira por que dera a fita à filha do desembargador.

— Ela estava a brincar comigo, enquanto eu tirava do bolso alguns papéis para dar ao pai. Com os papéis veio a fita. "Que bonita fita!" dise ela. E pegou na fita, e pediu-me que lha desse. Que faria V. S.ª no meu caso?

— Dava.

— Foi o que eu fiz. Se visse como ficou alegre!

O Sr. Alvarenga acabara de tomar o café, ao qual fez um novo elogio; e depois de sorver voluptuosamente uma pitada, continuou:

— Já eu não me lembrava da fita quando hoje o Sr. João Gomes me contou o caso. Era difícil achar a fita, porque isto de crianças V. S.ª sabe que são endiabradas, e então aquela!

— Está rasgada? perguntou Gustavo ansioso por vê-lo chegar ao fim.

— Parece que não.

— Ah!

— Quando lá cheguei perguntei com muita instância pela fita à senhora do desembargador.

— E então?

— A senhora do desembargador respondeu-me com muita polidez que não sabia da fita; imagine como fiquei. Chamou-se porém a menina, e esta confessou que uma sua prima, moça de vinte anos, lhe tirara a fita da mão, logo no dia em que eu lha dei. A menina chorara muito, mas a prima dera-lhe em troco uma boneca.

Esta narração foi ouvida por Gustavo com a ansiedade que o leitor naturalmente imagina; as últimas palavras, entretanto, foram um golpe mortal. Como haver agora essa fita? De que maneira e com que razões, se iria procurar nas mãos da moça o objeto desejado?

Gustavo comunicou estas impressões ao Sr. Alvarenga, que depois de sorrir e tomar outra pitada, lhe respondeu que dera alguns passos a ver se a fita pudesse vir parar às suas mãos.

— Sim?

— É verdade; a senhora do desembargador ficou tão penalizada com a ansiedade que eu mostrava, que me prometeu fazer alguma cousa. A sobrinha mora no Rio Comprido; a resposta só pode estar nas suas mãos depois de amanhã porque eu amanhã tenho muito que fazer.

— Mas virá a fita? murmurou Gustavo com desânimo.

— Pode ser, respondeu o procurador; tenhamos esperança.

— Com que lhe hei de pagar tantos favores? disse o bacharel ao procurador que se levantara e pegara no chapéu...

— Sou procurador... dê-me alguma cousa em que eu possa prestar-lhe os meus serviços.

— Oh! sim! a primeira que me vier agora é sua! exclamou Gustavo para quem uma causa era ainda objeto puramente mitológico.

O procurador saiu.

— Então, até depois de amanhã? disse João que ouvira quase toda a conversa, colado no corredor.

— Sim, até depois de amanhã.

CAPÍTULO VII

O dia em que o procurador devia voltar à casa de Gustavo era o último do prazo marcado por Marianinha. Gustavo esperou por ele sem sair de casa; não queria aparecer sem estar desenganado ou feliz.

O Sr. Alvarenga não marcara hora. Gustavo acordou cedo, almoçou, e esperou até o meio-dia sem que o procurador desse sinais de si. Era uma hora quando apareceu.

— Há de desculpar-me, disse ele logo ao entrar; tive uma audiência na segunda vara, e por isso...

— Então?

— Nada.

— Nada!

— Ela tem a fita e declara que a não dá!

— Qh! mas isso é impossível!

— Também eu disse isso, mas depois refleti que não há outro recurso senão contentarmo-nos com a resposta. Que poderíamos nós fazer?

Gustavo deu alguns passos na sala, impaciente e abatido ao mesmo tempo. Tanto trabalho para tão triste fim! Que importava que ele soubesse onde parava a fita, se não podia havê-la às mãos? O casamento estava perdido; o suicídio unicamente.

Sim, o suicídio. Apenas o procurador Alvarenga saiu da casa de Gustavo, este sondou o seu coração e mais uma vez se convenceu de que não podia resistir à recusa de Marianinha; senão matar-se.

"Caso-me com a morte!" rugiu ele surdamente.

Outra reminiscência de melodrama.

Assim assentado o seu plano, saiu Gustavo de casa, logo depois de ave-marias e dirigiu-se para a casa de D. Leonarda. Entrou comovido; estremeceu quando deu com os olhos em Marianinha. A moça tinha o mesmo ar severo com que lhe falara a última vez.

— Por onde andou estes três dias? disse D. Leonarda.

— Estive muito ocupado, respondeu secamente o moço, e por isso... As senhoras têm passado bem?

— Assim, assim, disse D. Leonarda.

Depois:

"Estes pequenos andam arrufados!" pensou ela.

E posto fosse severíssima em pontos de namoro, todavia compreendeu que para explicar e acabar arrufos a presença de uma avó era de algum modo prejudicial. Pelo que, assentou retirar-se durante cinco minutos (de relógio na mão), a pretexto de ir ver o lenço de tabaco.

Apenas se acharam sós os dois namorados, rompeu o seguinte diálogo a muito custo de ambos, porque nenhum deles queria começar primeiro. Foi Gustavo quem cedeu:

— Não lhe trago a fita.

— Ah! disse a moça com frieza.

— Alguém ma tirou, talvez, porque eu...

— Que faz a polícia?

— A polícia!... Está zombando comigo, creio eu.

— Apenas crê?

— Marianinha, por quem é, perdoe-me se...

Neste ponto teve Gustavo uma idéia que lhe pareceu luminnosa.

— Falemos franco, disse ele; eu tenho a fita comigo.

— Sim? deixe ver.

— Não está aqui; mas posso afirmar-lhe que a tenho. Imponho todavia uma condição... Quero ter este prazer de impor uma condição...

— Impor?

— Pedir. Mostrar-lhe-ei a fita depois que estivermos casados.

A idéia, como a leitora vê, não era tão luminosa como ele pensava; Marianinha deu uma risadinha e levantou-se.

— Não acredita? disse Gustavo meio enfiado.

— Acredito, disse ela; e tanto que aceito a condição.

— Ah!

— Com a certeza de que não a há de cumprir.

— Juro...

— Não jure! A fita está aqui.

E Marianinha tirou da algibeira o pedaço de fita azul com os nomes de ambos bordados a seda, a mesma fita que ela lhe dera.

Se o bacharel Gustavo tivesse visto as torres de S. Francisco de Paula subitamente transformadas em duas muletas, não se admiraria tanto como quando a moça lhe mostrou o pedaço de fita azul.

Só no fim de dois minutos pôde falar:

— Mas... esta fita?

— Silêncio! disse Marianinha vendo entrar a avó.

A leitora naturalmente acredita que a fita fora entregue a Marianinha pela sobrinha do desembargador, e acredita a verdade. Eram amigas; sabiam do namoro uma da outra; Marianinha tinha mostrado à amiga a obra que fazia para dar ao namorado, de maneira que quando a fita azul caiu nas mãos da pequena suspeitou naturalmente que era a mesma, e obteve-a para mostrá-la à neta de D. Leonarda.

Gustavo não suspeitara nada disto; estava aturdido. Estava sobretudo envergonhado. Acabava ser apanhado em flagrante delito de peta e fora desmentido do mais formidável modo.

Nestas alturas não há de demorar o desfecho. Apresso-me a dizer que Gustavo saiu dali abatido, mas que no dia seguinte recebeu uma carta de Marianinha, em que lhe dizia, entre outras cousas, esta: "Perdôo-lhe tudo!"

Nesse mesmo dia foi pedida a moça. Casaram-se pouco depois e vivem felizes, não direi onde, para que os não vão perturbar na sua lua-de-mel que dura há largos meses.

Desejo o mesmo às leitoras.

****

Sobre o autor e sua obra

JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS nasceu no Rio de Janeiro, a 21 de junho de 1839 e faleceu na mesma cidade, em 29 de setembro de 1908. Filho de mulato, brasileiro, e de branca, portuguesa; era gago, epiléptico, pobre, é por causa disto não pôde estudar em escolas e tornou-se um grande autodidata.

Colaborou na revista "Marmota Fluminense", foi aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional, onde conheceu seu protetor, Manuel Antonio de Almeida; foi revisor de provas na Editora Paula Brito e no "Correio Mercantil" e colaborador em vários jornais e revistas da época.

Na imprensa publicou vários contos, crônicas, folhetins, artigos de crítica, muitos dos quais assinados com pseudônimos: Platão, Gil, Lara, Dr. Semana, Job, M.A., Max Manassés e outros.

Casou-se em 1869 com D. Carolina Novais, que veio dar mais inspiração à sua vida literária. Em 1904, quando D. Carolina morreu, ainda inspirou o mais belo soneto de sua producão: "A Carolina", publicado no livro "Relíquias de Casa Velha":

"Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração de companheiro.
"Pulsa-lhe- aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs o mundo inteiro.
"Trago-te flores, - restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.
"Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vívidos".

Foi o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, em 1897.

Poesias: "Crisálidas", (1864); "Falenas", "Americanas".

Romances: "Ressurreição", "A Mão e a Luva", "Helena", "Iaiá Garcia".

Contos: "Contos Fluminenses", "Histórias da Meia Noite", (1869).

Teatro: "Desencantos", "0 Caminho da Porta", "0 Protocolo", "Quase Ministro", "Os Deuses de Casaca". Crônicas e Críticas. Fase Realista (de 1881 a 1908)

Poesias: "Ocidentais".

Romances: "Memórias Póstumas de Brás Cubas", "Quincas Borba", "Dom Casmurro", "Esaú e Jacó", "Memorial de Aires". Contos: "Papéis Avulsos", "Histórias sem Data", "Várias Histórias", "Páginas Recolhidas", "Relíquias de Casa Velha".

Teatro: "Tu, só Tu, Puro Amor" "Não Consultes Médico", "Lição de Botânica", crônicas e críticas.

Machado de Assis é de estilo clássico e sóbrio, com frases curtas e bem construídas, vocabulário muito rico e construções sintáticas perfeitas. Sua obra é de análise de caracteres e seus tipos são inesquecíveis e verdadeiros. Em toda sua obra há uma preocupação pelo adultério, tentado ou consumado, e muito de filosofia: a filosofia do humanitismo, que é explicada no seu romance "Quincas Borba". Sua técnica de composição no romance é muito importante para a compreensão da obra: não há homogeneidade na extensão dos capítulos: ora curtos, ora longos, não existe normalmente a seqüência linear, isto é, muitas vezes um capítulo não tem um final de ação, que irá continuar não no imediatamente seguinte, mas em outro um pouco distante. Esta técnica procura prender a atenção do leitor até o fim do livro, o que realmente consegue.

Sem dúvida, trata-se do mais alto escritor brasileiro de todos os tempos, o primeiro escritor universal de nossa Literatura. De uns tempos para cá, sua obra vem sendo objeto de estudos em profundidade, sob ângulos vários, constituindo-se no maior acervo bio-bibliográfico que jamais suscitou um escritor nacional. Sobretudo, cumpre destacar-se, como a mais importante de sua obra, a parte de ficção - seus contos, verdadeiras obras-primas - e os romances a partir da fase que se Iniciou com as "Memórias Póstumas de Brás Cubas".

Machado de Assis não se filia a qualquer coisa, dando apenas vazão ao seu próprio sentimento de homem introspectivo. É possuidor de um estilo simples, sem nenhum artificialismo. A concisão é uma de suas mais eloqüentes características. Cuidou, em suas obras, mais do homem do que da paisagem. Não foi grande poeta. Inicialmente passou pelo romantismo e depois mostrou-se parnasiano. Para Machado de Assis o homem é egoísta, impassível diante da felicidade ou infelicidade do seu semelhante. 0 sofrimento é inerente à própria condição humana. 0 homem sonha com a felicidade, sem suspeitar que tudo é Ilusão.

Machado aconselha então a solidão, o Isolamento, por não crer no solidarismo humano.

No teatro Machado de Assis se revela como tradutor, critico e comediógrafo. Como critico procurava exaltar os valores morais. Para ele, "a arte pode aberrar das condições atuais da sociedade para perder-se no mundo labiríntico das abstrações. 0 teatro é para o povo o que o Coro era para o antigo povo grego: uma iniciativa de moral e civilização."

E ainda foi além. Ressuscitando uma antiqualha dos Séculos XVII; inovou o soneto, dando-lhe a forma contínua do (Círculo Vicioso). Outra inovação: a alternância do octossílabo com o tetrassílabo, de que se utilizou nos versos a Artur de Oliveira. Combinado o octossílabo com o doclecassílabo, criou ainda o ritmo dos agrupamentos da Mosca Azul. E deu em 1885 uma incomparável lição de poesia quando, na ocasião comemorativa do centenário do Marquês de Pombal, publicou, sob o título de A Suprema Injúria, uma série de quatorze sonetos, onde não há dois iguais na sua forma.

Machado de Assis foi ainda um técnico do verso, o admirável tradutor de a primeira fase machadiana. 0 terceiro romance, Helena, jovem confrade, e escreve poesia, a quem devemos pelo o que seria diferente da já representa uma evolução. Vai eclodir com as Memórias Póstumas de Brás Cubas.

No romance como na poesia, Machado de Assis ressente-se de influencia romântica nas primeiras obras: Ressurreição (1872), A Mão e a Luva (1875), Helena (1876) e Iaiá Garcia (1878). É toda romântica a concepção dos personagens e do entrecho; revela-se a personalidade do autor na preocupação mais acentuada do estudo dos caracteres. Mas as situações que arma, para os revelar, e a própria compreensão que deles tem, tudo trai a visão romântica, ainda que mitigada pela analise psicológica.

De Ressurreição, em que a narração e linear, a língua pobre, os caracteres de linhas definidas, a Iaiá Garcia, onde a narrativa é dotada de maior penetração, a língua se precisa e os caracteres já se mostram mais complexos, o progresso é significativo. 0 mais romanesco dos três é Helena, a confinar por vezes com a inverossimilhança.

Memórias Póstumas de Brás Cubas

Brás Cubas, já falecido, conta, do outro mundo, as suas memórias: "Expirei em 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos". Galhofando dos ascendentes, fala da própria genealogia. Assevera que morreu de pneumonia apanhada quando trabalhava num invento farmacêutico, um emplastro medicamentoso.

Virgília, sua ex-amante, que já não via há alguns anos, visitou-o nos últimos dias de vida. Narra Brás Cubas um delírio que teve durante a agonia: montado num hipopótomo foi arrebatado por unia extensa e gelada planície, até o alto de uma montanha, de onde divisa a sucessão dos séculos. Além dos pais, tiveram grande influência na educação do pequeno Brás Cubas três pessoas: tio João, homem de língua solta e vida galante; tio Ildefonso, cônego, piedoso e severo; Dona Emerenciana, tia materna, que viveu pouco tempo. Brás passou uma infância de menino traquinas, mimado demasiadamente pelo pai.

Aos dezessete anos apaixona-se por Marcela, dama espanhola, com quem teve as primeiras experiências amorosas. Para agradar Marcela, Brás começa a gastar demais, assumindo compromissos graves e endividando-se. Marcela gostava de jóias e Brás procurava fazer-lhe todos os gostos. "Marcela amou-me, diz Brás Cubas, durante quinze meses e onze contos de réis". Quando o pai tomou conhecimento dos esbanjamentos do filho, mandou-o para a Europa: "vais cursar uma Universidade", justificou. Em Coimbra, Brás segue o curso jurídico e bacharela-se. Depois, atendendo a um chamado do pai, volta ao Rio: a mãe estava moribunda. E, de fato, apenas chega ao Brasil, a mãe falece. Passando uns dias na Tijuca, conhece Eugênia, moça bonita, mas com um defeito na perna que a fazia coxear um pouco, com ela mantém um passageiro romance.

O pai de Brás tem duas, ambições para o filho: quer casá-lo e faze-lo deputado. Tudo faz para encaminhá-lo no rumo do casamento e procura aumentar o circulo de amigos influentes na política, a fim de preparar o caminho para o futuro deputado. Assim é que Brás Cubas é apresentado ao Conselheiro Dutra que promete ajudar ao jovem bacharel na pretendida ascensão política.

Brás nesta altura vem a conhecer Virgília, filha do Conselheiro Dutra, pela qual se apaixona. Parecia, com isso, que os sonhos do pai sobre Brás estavam prestes a realizar-se: bem encaminhado na política e quase noivo. Entretanto aconteceu um imprevisto: surge Lobo Neves que não somente lhe rouba a namorada, mas também cai nas boas graças do Conselheiro Dutra.

Vendo assim preterido o filho, o pai de Brás sente-se profundamente desapontado e magoado. Veio a falecer dali a alguns meses, de um desastre. Virgília casa-se com Lobo Neves e, pouco tempo depois, vê eleito Deputado o marido. Mas, na verdade, Virgília casara-se com Lobo Neves por interesse, e ama realmente a Brás Cubas. Virgília e Brás principiam a encontrar-se com freqüência e, em breve, tornam-se amantes. Lobo Neves adorava a esposa e nela confiava inteiramente. Aliás não tinha muito tempo para observar o que se passava, já que estava entregue totalmente à política.

Narra nesta altura Brás Cubas o encontro que teve com seu ex-colega de escola primária, Quincas Borba, que se tornara um infeliz mendigo de rua. Depois do encontro com Quincas, Brás percebe que o maltrapilho lhe roubara o relógio. Os encontros amorosos entre Virgília e Brás suscitam comentários e mexericos dos vizinhos, amigos e conhecidos. Por esse motivo, Brás propõe a Virgília a fuga para

um lugar distante. Virgília, porém, pensa no marido que a ama e na família, e sugere "uma casinha só nossa", metida num jardim, em alguma rua escondida. A idéia parece boa a Brás, que sai remoendo a proposta: "uma casinha solitária, em alguma rua escura". Virgília e sua ex-empregada, chamada Dona Plácida, se encarregam de adornar a casa e, aparentemente, quem ali reside é Dona Plácida. Ali os dois amantes se encontram sem maiores embaraços, e sem despertarem suspeitas. Sucedeu que, de certa feita, por motivos políticos, Lobo Neves foi designado como presidente de uma província e, dessa forma, teria de afastar-se com a mulher. Brás fica desesperado e pede a Virgília que não o abandone.

Quando tudo parece sem solução, eis que surge Lobo Neves e, para agradar ao amigo da família, convida-o para acompanhá-lo como secretário. Brás aceita. Os mexericos se tornam mais intensos e Cotrim casado com Sabina, procura fazer ver ao cunhado que a viagem seria uma aventura perigosa. Mais por superstição do que pelos conselhos de Cotrim, Lobo Neves acaba não aceitando mais o cargo de presidente, porque o decreto de nomeação saíra publicado no Diário oficial num dia 13: Lobo Neves tinha pavor pelo número, um número fatídico. Lobo Neves recebe uma carta anônima denunciando os amores da esposa com o amigo. Isso faz com que os dois amantes se mostrem mais reservados, embora continuem encontrando-se na Gamboa (onde fica a casa de Dona Plácida).

Surge então um acontecimento que vem alterar a situação os personagens: Lobo neves é novamente nomeado presidente e, desta vez, parte para o interior do país levando consigo a esposa. Brás procura distrair-se e esquecer a separação.

A irmã Sabina, que vinha procurando "arranjar" um casamento para Brás, volta a insistir em seu objetivo. A candidata, uma moça prendada, chamava-se Nhá-loló. Mesmo sem entusiasmo, Brás aparenta interesse pela pretendente, mas Nhá-loló vem a falecer durante urna epidemia. o tempo vai passando.

Mais por distração do que por idealismo, Brás procura um derivativo de suas decepções amorosas na política. Faz-se deputado e, na assembléia, vem a encontrar-se com Lobo Neves que havia voltado da província. Encontra-se também com Virgília, que não tinha já aquela beleza antiga que o havia atraído anteriormente. Assim, por desinteresse reciproco, chegam ao fim os amores de Brás e Virgília. Quincas Borba, o mendigo, reaparece e lhe restitui o relógio, passando a ser um freqüentador da casa de Brás.

Quincas Borba estava mudado: não era mais mendigo, recebera uma herança de um tio em Barbacena. Virara filósofo: havia inventado urna nova teoria filosófico-religiosa, o Humanitismo, e não falava noutra coisa. 0 próprio Brás Cubas passa a interessar-se muito pelas teorias de Quincas Borba. Morre, por esse tempo, o Lobo Neves, e Virgilia "chorou com sinceridade o marido, como o havia traído com sinceridade". Também vem a falecer Quincas, Borba, que havia enlouquecido completamente. Brás Cubas deixou este mundo pouco depois de Quincas Borba, por causa de urna moléstia que apanhara quando tratava de um invento seu, denominado " emplasto Brás Cubas".

E o livro conclui:

"*Imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria*".

Fato narrativo em primeira pessoa; posição trans-temporal, a narrativa acompanha os vaivéns da memória do narrador defunto.

Quebra da unidade estrutural da narrativa: - forma livre, estrutura fragmentada, ausência de um fio lógico e ausência de um conflito central.

Drama da irremediável tolice humana. Brás Cubas tudo tentou e nada deixou. A vida moral e afetiva é superada pela biologicamente satisfeita. Acomodação cínica ao erro, ou melhor, a justificação moral interior racionalizada. Pessimismo (influência de Sterne, Schopenhauer, Darwin e Voltaire).

Segundo o Professor Alfredo Bosi :

"Memórias Póstumas de Brás Cubas" opera um salto qualitativo na Literatura Brasileira. "A revolução dessa obra, que parece cavar um poço entre dois mundos, foi uma revolução ideológica e formal: aprofundando o desprezo às idealizações românticas e ferindo o cerne do narrador onisciente, que tudo vê e tudo julga, Machado deixou emergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente. 0 que restou foram as memórias de um homem igual a tantos outros, o cauto e desfrutador Brás Cubas.

Quincas Borba

Quincas Borba é um filósofo-doido. Mais na segunda que na primeira parte. Criou uma filosofia: Humanitas. "Humanitas" é o princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível... Pois essa substância, esse principio indestrutível é que é Humanitas... " Uma guerra: duas tribos que se encontram, frente a frente, perto de uma plantação de batatas que só darão para sustentar uma delas. É a luta pelas batatas. Pela sobrevivência. A tribo que vence, ganha as batatas. "Ao vencedor, as batatas". Filosofia e sandice condimentam as lições de Quincas Borba.

0 filósofo tinha um cão: Quincas Borba. Pusera nele o seu próprio nome. Afinal Humanitas era comum para ele e para o cão. E não só: se morresse antes sobreviveria o oâo. Um cão, meio tamanho, cor de chumbo, malhado de preto. Um filósofo assim tinha que acabar em... Barbacena. AI conheceu a Piedade, viúva de parcos meios, Era irmã de Rubião. Não se casou com o herdeiro. Rubião foi o melhor amigo e enfermeiro do filósofo.

Quando Quincas Borba morreu, numa incurável semidemência, na casa de Brás Cubas, no Rio, Rubião ficou rico, herdeiro universal do falecido filósofo. Herdeiro de tudo. Depois em breve pendência recebeu: casa na Corte, uma em Barcelona, escravos, ações no Banco do Brasil e muitas outras, jóias, dinheiro, livros, a filosofia do morto e o seu cão Quincas Borba. A cláusula única do testamento era tratar bem o cão.

0 novo-rico muda-se para a Corte. Fica conhecendo o casal Palha e Sofia. E o pobre mestre-escola fica apaixonado por ela. Que olhos, que ombros, que braços!... Vinte e seis anos... Cada aniversário era um novo polimento dado pelo tempo. É bonita, sabe que é, e sabe mostrar-se. 0 marido gostava de mostrá-la a todos: vejam o que são as minhas e de se mostrar . E Sofia aprendeu logo e bem a arte se mostrar. Sofia seduz Rubião. Engana-o... Busca o dinheiro. Ganha presentes riquíssimos. O marido funda até a sociedade Palha e Cia.

É o dinheiro de Rubião que vai correndo. Muito depressa. A Sofia tem lá os seus desejos escondidos para com o galanteador Carlos Maria, Pobre Rubião! 0 dinheiro acabando, os amigos vão minguando, e a loucura vai chegando. Rubião passa pelas ruas aos gritos dos moleques (0 gira, ó gira...) certo que é Napoleão III . Metem-no num Sanatório. Rubião foge do sanatório do Rio e vai para Barbacena. Lá morre. E três dias depois encontraram o cão Quincas Borba, também morto, numa rua.

É o fim? Leitor: "eia, chora os dois recentes, se tens lágrimas.Se so tens risos, ri-te. É a mesma coisa. É outra crônica de fraquezas e misérias morais, concluída com uma filosofia desencantada, a filosofia do Humanitas: "Ao vencedoras batatas"... Uma súbita fortuna, uma paixão adúltera, ambições políticas acabam levando Rubião à loucura. Ele, que antes era um humilde mestre-escola, ingênuo e puro, envolve-se em um novo mundo, violento e agressivo. A fraqueza o destrói.

Narrado em 3a Pessoa. É o mais objetivo dos Romances de Machado. Análise psicológica de um homem Pobre que subitamente fica rico e a fortuna arrasta-o à loucura. E só a loucura salva Rubião do destino vulgar de vaidoso rico, explorado pelos que o cercam.

O Humanitismo:

"Ao vencedor, as batatas", pode ser interpretado como uma paródia irônica ao positivismo e evolucionismo. Posições filosóficas dominantes na segunda metade do século XIX-. É uma caricatura do princípio da evolução e da seleção natural que, na época, saíam do campo da biologia para impregnar a filosofia.

DOM CASMURRO

A própria personagem central, Bentinho, é que conta a sua história. Pincipia dizendo que está morando, sozinho, auxiliado por um criado, no Engenho Novo

(Rio de Janeiro), em uma casa que ele mandara construir igual àquela em que passara a infância, em Matacavalos. Como vive isolado, os vizinhos apelidaram de Dom Casmurro, apelido que pegara. A história principia quando Bentinho já está com quinze anos e sua amiga de infância, Capitu, com quatorze.

Os dois crescem juntos e se estimam sinceramente. Dona Glória, mãe de Bentinho, viúva, tendo sido infeliz no primeiro parto, fizera a Deus uma promessa, se fosse bem sucedida no segundo parto, o filho seria religioso (padre ou freira, conforme o sexo) – Por isso, estava disposta a cumprir a promessa: Bentinho iria para o seminário.

À medida que o tempo passa e que a amizade de Bentinho e Capitu se transforma em namoro sério e apaixonado, a idéia do seminário vai-se tornando um grave problema para os dois, que buscam todas as maneiras de evitá-lo. Justina, prima de Dona Glória, que vivia em Casa desta, e a quem Bentinho suplica que interceda com a mãe em seu favor, se nega. José Dias, velho empregado da casa, muito estimado, diz que o problema não é fácil, pois o melhor é, antes, "aplainar o caminho". 0 próprio Bentinho, de índole tímida, tenta falar com a mãe, mas nem sequer consegue dizer-lhe o que quer. Capitu, e Bentinho perdem as esperanças de evitar o seminário. De qualquer modo, amando-se sinceramente, juram que, aconteça o que acontecer, se casarão. Bentinho irá para o seminário, mas ficará apenas algum tempo. Depois sairá e serão felizes.

No seminário, Bentinho trava conhecimento com Escobar, que se toma seu amigo e confidente. A vida agora transcorre entre os estudos eclesiásticos e as visitas semanais à sua casa. Escobar em conversa com bentinho, tem uma idéia: Dona Glória, rica que é, poderia cumprir a promessa de outro modo, isto é, custeando as despesas de um seminarista pobre, ficando Bentinho livre do seminário. A idéia vinga e Bentinho retoma à casa. Anos depois, já formado em Direito, casa-se com Capitu e começam uma vida repleta de felicidades. E essa felicidade ainda se torna maior quando Escobar, que também saíra do seminário, casa-se com Sancha, amiga de Capitu.

As duas famílias visitam-se freqüentemente. Escobar e Sancha têm uma filha, à qual dão o nome de Capitolina (Capitu). A única tristeza (se é que se pode chamar tristeza) é não terem, Bentinho e Capitu, um filho. Por isso, fazem promessas e rezam continuamente. E o filho vem: um menino, a alegria dos pais. Chama-se Ezequiel. Escobar vem morar mais próximo de Bentinho e Capitu. Certo dia, Escobar se aventura nadando pelo mar agitado e morre afogado. Sancha retira-se para o Paraná, onde possuía parentes.

E a vida continua, feliz. Só uma coisa principia a preocupar cada vez mais seriamente a Bentinho: Ezequiel, à medida que vai crescendo, vai-se tornando uni retrato vivo do falecido amigo. Os mesmos traços, o mesmo cabelo, os mesmos olhos, o mesmo andar, até os mesmos tiques. A dúvida atormenta Bentinho, e uma infinidade de pequenas coisas que no passado haviam passado despercebidas começam a avolumar-se confirmando as suspeitas: Capitu o traíra. Um dia explode

com Capitu, que não consegue encontrar meios de escusar-se. Pelo contrário, suas desculpas confirmam definitivamente a culpa. Bentinho leva a esposa adúltera? E o filho de Escobar para a Suíça, onde deles se separa. Tempos depois Capitu vem a falecer. Ezequiel, já moço, surge em casa de Bentinho: tornara-se a cópia do pai. Ezequiel não pára no Brasil e, participando de uma excursão no Oriente, também morre.

É o término do livro. Conclui Machado de Assis: "A minha primeira amiga e o meu melhor amigo, tão extremosos ambos e tão queridos, também quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me. A terra lhes seja leve"!

Narrado na primeira pessoa, Bentinho (D. Casmurro), propõe-se a "ATAR AS DUAS PONTAS DA VIDA". Ao evocar o passado, a personagem – narrador coloca-se num ângulo neutro de visão. Dessa maneira, pode repassar, sem contaminá-los, episódios e situações, atitudes e reações, acompanhadas apenas da carga emocional correspondente ao impacto do momento da ocorrência. Simultaneamente, opõe a esse ângulo de reconstituição do passado o ângulo do próprio momento da evocação, marcado pelo desmoronamento da ilusão de sua felicidade. Dessa forma temos uma dupla visão da experiência, reconstituída em termos de exposição e de análise. A visão esfumaçada do adultério é um dos requintes do "Bruxo do Cosme Velho" (Machado). Parece inspirado no drama de Otelo, de Shakespeare.

CAPITU: "olhos de ressaca", "cigana oblíqua e dissimulada" é a mais forte criação de Machado. Com inalterada frieza e racionalidade calculada vai tecendo o seu destino e também o dos outros.

ESAÚ E JACÓ

É a história dos gêmeos Pedro e Paulo, filhos de Natividade, que desde o nascimento dos meninos só pensa num futuro cheio de glória para eles. À medida que vão crescendo, os irmãos começam a definir seus temperamentos diversos: são rivais em tudo. Paulo é impulsivo, arrebatado, Pedro é dissimulado e conservador – o que vem a ser motivo de brigas entre os dois. Já adultos, a causa principal de suas divergências passa a ser de ordem política – Paulo é republicano e Pedro, monarquista. Estamos em plena época da Proclamação da República, quando decorre a ação do romance.

Até em seus amores, os gêmeos são competitivos. Flora, a moça de quem ambos gostam, se entretém com um e outro, sem se decidir por nenhum- dos dois: é retraída, modesta, e seu temperamento avesso a festas e alegrias levou o conselheiro Aires a dizer que ela era "inexplicável". 0 conselheiro é mais um grande personagem da galeria machadiana, que reaparecerá como memorialista no próximo e último romance do autor: velho diplomata aposentado, de hábitos discretos e gosto requintado, amante de citações eruditas, muitas vezes interpreta o pensamento do próprio romancista.

As divergências entre os irmãos continuam, muito embora, com a morte de Flora, tenham jurado junto a seu túmulo uma reconciliação perpétua. Continuam a se desentender, agora em plena tribuna, depois. Que ambos se elegeram deputados, e só se reconciliam ao fim do livro, com novo juramento de amizade eterna, este feito junto ao leito da mãe agonizante.

Narrado em terceira pessoa pelo o Conselheiro Aires. Há referências à situação política do Pais, na transição Império/República. É marcado pela ambigüidade e contradição. Pedro e Paulo são "os dois lados da verdade".

MEMORIAL DE AIRES

Este é o último romance do autor. Aqui, dois idílios são narrados paralelamente, ao longo das memórias do conselheiro Aires, personagem surgido em Esaú e Jacó: o do casal Aguiar e o da viúva Fidéfia com Tristão. Trata-se de um livro concebido em tom íntimo e delicado, às vezes repleto de melancolia. Nele Machado de Assis pôs muito dos últimos anos de sua vida com Carolina, falecida quatro anos antes da publicação. Não há muito que contar, senão pequenos fatos da vida cotidiana de um casal de velhos. 0 estilo é de extrema sobriedade, e o autor, já na velhice, pretendeu com este livro prestar um depoimento em favor da vida, ainda que em tom de mal disfarçada tristeza e até mesmo desolação.

Memorial de Aires (1908) opera um verdadeiro retrocesso na obra machadiana. Nele o romancista retorna à concepção romântica, mitigada pelo ceticismo risonho do conselheiro Aires. Ai se respira a mesma atmosfera dos seus primeiros romances: os seres são de eleição e a vida gira em torno do amor. Distingue-o, porém, e torna-a muito superior àqueles a mestria do ofício, o domínio do instrumento.

Como novidade, traz a forma de diário e o narrador não é onisciente; observa como simples comparsa os personagens principais, procura adivinhar-lhes o íntimo através de suposições próprias ou através de informações alheias – a dar alguma idéia do processo de Henry James, este, entretanto, muito outro, com outras intenções e de outra tessitura.

******